



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III –
GUARABIRA/PB
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOELMA PRISCILA CUSTÓDIO DA SILVA

A RELAÇÃO DO TEATRO E A PRODUÇÃO DE CONTOS

GUARABIRA – PB

2016

JOELMA PRISCILA CUSTÓDIO DA SILVA

A RELAÇÃO DO TEATRO E A PRODUÇÃO DE CONTOS

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Licenciado em Letras.**

**Orientador (a): Profa. Dra. Iara Ferreira de
Melo Martins**

**GUARABIRA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Joelma Priscila Custódio da
A relação do teatro e a produção de contos [manuscrito] /
Joelma Priscila Custodio da Silva. - 2016.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Iara Ferreira de Melo Martins, Departamento de
Letras".

1. Teatro. 2. Leitura. 3. Gênero. 4. Conto. I. Título.

21. ed. CDD 791.022

JOELMA PRISCILA CUSTÓDIO DA SILVA

A RELAÇÃO DO TEATRO E A PRODUÇÃO DE CONTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em 18 / 10 /2016

Iara Ferreira de Melo Martins

Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins/ UEPB
Orientadora

Edilma de Lucena Catanduba

Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba/ UEPB
Examinadora

Maria de Fatima de Souza Aquino

Profa. Dra. Maria de Fatima de Souza Aquino/ UEPB
Examinadora

A RELAÇÃO DO TEATRO E A PRODUÇÃO DE CONTOS

SILVA, Joelma Priscila Custódio da

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de produzir o gênero conto, motivado pelo teatro, envolvendo alunos do “Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado por Estudantes”, desenvolvido no município de Bananeiras. Como objetivos específicos pretendemos inserir os alunos no universo da escrita, através de criações próprias, premiando-os inclusive ao término do processo, e valorizando a cultura regional. Utilizamos os teóricos como Soares (1999), Kleiman (2005) Rojo (2009) Solé (1998) no embasamento a respeito da leitura e letramento. E Bakhtin (2003) e Marcuschi (2006 e 2008) como fontes de embasamento a respeito da teoria do gênero. Enquadra-se, metodologicamente, na perspectiva qualitativa de cunho descritivo e interpretativo. Os resultados revelam que conseguimos proporcionar práticas de letramento coletivas, colaborativas, visando promover a interação entre osicineiros e alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro. Leitura. Gênero. Conto.

1. INTRODUÇÃO

O teatro pode-se dizer que é uma arte libertária, que através de sua metodologia é capaz de despertar para uma visão mais ampla do mundo, estimulando a criação e ampliação do imaginário.

Nesta pesquisa, nosso objetivo é utilizar o teatro como motivador para o incentivo da produção de contos por parte de alunos que estiveram ligados ao “Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado por Estudantes”, desenvolvido no município de Bananeiras com alunos da rede pública municipal e estadual, no ano de 2010. Como objetivos específicos pretendemos inserir os alunos no universo da escrita, através de criações próprias, premiando-os inclusive ao término do processo, e valorizando a cultura regional.

Metodologicamente, esta pesquisa enquadra-se na perspectiva qualitativa de cunho descritivo e interpretativo. Este tipo de abordagem permite que o pesquisador estabeleça contato direto com seu objeto de estudo, facilitando assim a organização e compreensão dos dados.

Neste artigo, utilizamos alguns teóricos como Soares (1999), Kleiman (2005) Rojo (2009) Solé (1998) como embasamento a respeito da leitura e letramento. E Bakhtin (2003) e Marcuschi (2006 e 2008) como fontes de embasamento a respeito da teoria do gênero.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de começarmos a falar sobre os processos que envolveram a feitura dos contos, motivados pela influência do teatro, precisamos esclarecer alguns aspectos teóricos que embasaram essa pesquisa: qual a importância do teatro? O que é letramento?, O que é leitura?, O que é gênero textual?, E o que é conto?. Passemos, então, a seguir, conceituar sucintamente cada um deles.

2.1 - A importância do Teatro

O teatro é uma arte milenar, que através dos séculos tem propiciado aprendizagens em diferentes áreas, mostrando ao ser humano, através de suas práticas, a

facilidade em transmitir mensagens. Tendo surgido, primordialmente com fins de adoração ao deus Dionísio, por volta do século IV a.C., durante as festividades da colheita, foi adquirindo formas próprias. Entretanto, jamais perdeu sua essência de informar ao público algo através da mesclagem, combinada entre os elementos fundamentais desta arte, que são o ator, a mensagem e o público alvo, tais quais os elementos constitutivos da comunicação, que são o emissor, a mensagem e o receptor.

Estudos neurológicos desenvolvidos pela equipe da Universidade de Harvard, e coordenada por Howard Gardner, sobre a Teoria das Múltiplas Inteligências apontam sobre diversas aquisições ao se praticar alguma atividade artística. De acordo com o site suapesquisa.com, Gardner concluiu que o cérebro humano possui oito tipos de inteligências, que são lógica, linguística, corporal, naturalista, intrapessoal, interpessoal, espacial e musical. Essas inteligências podem ser de origem genética, mas que necessitam de estímulos para o seu desenvolvimento, citando inclusive que se alguém nasce com a inteligência musical, mas não for imposta a focos de influência, este jamais se tornará um músico.

Sendo o teatro uma das manifestações artístico-culturais mais completas, devido a diversidade de elementos que se encaixam no desenrolar de todo o processo, podemos afirmar que será capaz de desenvolver várias habilidades preexistentes no indivíduo, e entre elas a habilidade linguística. A inteligência verbal, linguística ou cognitiva é estruturada mentalmente através do diálogo, da leitura e do raciocínio que é explorado nas cores, no trama, nas personagens, nos sons, nos ritmos tanto do desenlace dos fatos quando de danças, na própria literatura apresentada, e na variedade de vocabulários utilizados. E todos esses aspectos estão relacionados ao teatro.

Em todo tempo o teatro se desenrola num casamento entre as leituras verbais e não-verbais, incentivando habilidades e capacidades daqueles que o praticam. Considerando a relevância do teatro na produção de contos, trataremos sobre alguns pontos, a seguir, acerca dessa temática e as práticas de letramento.

2.2 – O que é Letramento?

As concepções de letramento são diversas, não existindo uma única forma de denominar o termo. Contudo, vale notar que em todas as designações, o termo letramento está associado à escrita.

Soares (1999) explicita o letramento em duas dimensões: a individual e a social. Na dimensão individual, o letramento está relacionado à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever; Já na dimensão social, o letramento diz respeito ao conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da escrita. Podem parecer paradoxais, pois são frutos de conflitos conceituais de especialistas, mas por elas permeiam as diversas abordagens sobre o assunto.

O vocábulo letramento surge, segundo Kleiman (2005), na metade da década de 1980, quando pesquisadores voltados para as práticas de uso da língua escrita sentiram a necessidade da existência de um termo diferente da conotação de alfabetização, que estivesse relacionado aos aspectos sócio-históricos dos usos da escrita. Assim, surgiu o termo letramento, aproximando-se do conceito de alfabetização trazido por Paulo Freire na mesma década:

Paulo Freire utilizou o termo alfabetização com um sentido próximo ao que hoje tem o termo letramento, para designar uma prática sociocultural de uso da língua que vai se transformando ao longo do tempo, segundo as épocas e as pessoas que a usam e que pode vir a ser libertadora [...] (KLEIMAN, 2005, p.19-20)

Desta forma, é letramento o processo de apropriação do código linguístico em função de uma vida social pré-estabelecida, ou seja, uma pessoa letrada é aquela que é capaz de socialmente interagir e compreender os mecanismos que forma aquele grupo social a qual pertence, desta forma o analfabeto que é capaz de fazer uso da leitura ou da escrita pode ser considerado letrado, quando em face da utilização destas para estabelecer relações com o meio social. Segundo Magda soares:

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se as interessa em ouvir a leitura de jornais feitas por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escrevas(e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixadas em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolvendo-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 1999, pag. 24)

Letrado, então, não é apenas aquele que conhece o símbolo linguístico, mas aquele que é capaz de fazer uso dos códigos linguísticos para compreender o mundo circundante e ser compreendido por outros, ou seja não basta saber ler e escrever para

ser uma pessoa letrada é necessário fazer uso social da leitura e da escrita correspondendo a necessidade de uma sociedade contemporânea que prioriza o uso social do código linguístico.

Para que não haja mais confusão acerca do conceito de letramento, Kleiman (2005) esclarece o que não é letramento. Ela inicia afirmando que o letramento não é um método, além de não existir o método de letramento, aquele ideal. O que existem são possibilidades de propiciar uma imersão da criança, jovem ou adulto no mundo da escrita e que qualquer método será útil caso permita ao aprendiz adquirir conhecimento necessário para agir em situações específicas. Ainda com relação a métodos, ela apresenta a declaração trazida pela Associação Internacional de Leitura em 1999:

Traremos, para finalizar este ponto, uma aceção de Rojo sobre letramento:

O termo letramento busca recobrir os usos e as práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p.98)

Embora a escola tenha a maior responsabilidade, historicamente e socialmente lhe atribuída de inserir o indivíduo no mundo letrado, geralmente atem-se para o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico). Entretanto, sabemos que esta não é a única fonte de letramento, tendo em vista que o mundo cercante ao indivíduo já lhe impõe a necessidade de letrar-se.

2.3 – O que é Leitura?

A leitura abrange muito mais do que a decodificação dos símbolos da escrita, uma vez que estamos lendo a todo momento, e não lemos apenas o que está impresso nos livros, revistas, jornais, etc., mas possuímos a capacidade de lermos o mundo com suas formas singulares.

O ato de ler inicia-se muito antes do conhecimento das formas, mas está vinculado a todo o processo de aprendizagem pelo qual passamos. Ler as emoções e reações dos pais, os sons, as cores, e a rotina enquanto bebê, lermos o tamanho, a forma, ou mesmo identificarmos algumas figuras em um livro sem que ainda dominemos a codificação das letras, e tantas outras leituras que realizamos dia a dia.

A leitura vai se vinculando aos vários conhecimentos que possuímos, ao processo de formação global e atuação social, política, econômica e cultural, vamos, aos poucos, apurando a nossa leitura.

A concepção de leitura conhecida como decodificadora, predominante nos anos de 1930 e 1960, consiste na perspectiva de que o leitor é um mero espectador do texto, que busca encontrar o entendimento do mesmo por meio do significado de cada vocábulo ou, ainda, de cada unidade gramatical. Isto é, o leitor tenta extrair o sentido do texto escrito ou impresso usando a decodificação do código escrito, pois o sentido já está inserido no conteúdo presente apenas no texto, não tendo, portanto, a participação do leitor nessa construção de sentido, porque “decodificar é apenas obter a informação visual que vem pelo globo ocular diante da página impressa” (DELL’ISOLA, 1991, p. 31).

Outra concepção de leitura é a psicolinguística que, em oposição ao modelo anteriormente apresentado, expõe a existência de uma relação entre leitor/texto que dá a liberdade ao leitor de atribuir sentido aquilo que leu e não apenas extrair sentido, como apregoa a concepção supracitada. Entendemos, portanto, que o significado do texto encontra-se na mente do leitor. Essa concepção dá ênfase não apenas as pistas textuais, mas ao conhecimento do leitor, que será acionado a partir da leitura. Assim, cada sujeito/leitor poderá realizar diferentes leituras do mesmo texto e, conseqüentemente, obter entendimento variado sobre ele. Percebemos, então, que o objetivo da leitura, nessa perspectiva, é a compreensão que o leitor terá do texto.

Optamos, neste artigo, por abordar a concepção de leitura sociointeracionista, a qual é voltada a perspectiva de que o leitor interage diretamente com o texto, sendo este um participante da construção do sentido do mesmo, por meio do diálogo entre o leitor, autor e o próprio texto, como nos afirma Geraldi (1999, p. 91): “a leitura é um processo de interlocução entre leitor, autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita”. Dessa forma, para se compreender o texto é necessário que se leve em consideração os conhecimentos adquiridos pelo leitor e o contexto, no qual os participantes da ação interativa estejam inseridos.

Ler deixa de ser entendido, então, como um mero elemento de extração e atribuição de sentido, para ser compreendido como um ato interacional abrangendo autor e leitor através da construção textual.

Ainda sobre a leitura, numa perspectiva de interação entre os interlocutores do texto, Orlandi (1983) *apud* Neder e Possari (2001, pág. 18) afirmar que “a leitura não é simples decodificação de sinais, mas a busca de significações marcadas pela interlocução entre autor e produtor do discurso”. Neste sentido, há estímulo da compreensão textual, estabelecido por um sujeito que vai interferir diretamente no conteúdo, se posicionando de forma crítica diante daquilo que foi exposto.

Assim sendo, o leitor, deixa de ser um mero expectador do texto e passa a ter a liberdade de levantar questionamentos e fazer suas reflexões a partir do que lhe é exposto no texto. Segundo Foucambert (1997), o ato de ler, em qualquer circunstância, é o meio de interrogar a escrita, saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. A leitura não é a simples transmissão de uma mensagem, mas uma construção induzida. Ler é, portanto, ser interpelado não apenas pelo mundo, mas também por si mesmo a fim de se chegar a um entendimento próprio daquilo que leu.

SOLÉ (1998) entende que a leitura envolve de maneira interativa o leitor e o texto. Ou seja, é admitida a presença de um indivíduo/leitor funcional que vai refleti-lo, retirando informações que atendam seus propósitos. Kleiman (2008) reforça a ideia de interatividade entre leitor e texto ao afirmar que a leitura é um processo interativo, pois se acionam e interagem os diversos conhecimentos prévios – linguístico, textual e de mundo – do leitor a todo o momento para chegar-se a compreensão do que se lê. Assim sendo, o leitor construirá seu próprio saber a partir do sentido proposto pelo autor, não sendo uma mera cópia desse.

Percebemos, então, que o conceito de leitura é bem mais amplo do que a simples decodificação, pois de acordo com Koch e Elias (2007, p. 11), a leitura de um texto “exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação a ser decodificado por um receptor passivo.”. Ou seja, ler não é, pois, um processo fechado, no qual o sujeito é passivo, mas sim um processo dinâmico e social, consequência da interação das informações presentes no texto e o conhecimento prévio do indivíduo/leitor, proporcionando assim a construção do sentido, ou, por que não dizer, a compreensão do texto.

2.4 – O que é Gênero Textual?

O estudo dos gêneros não é novo, nem por isso deixa de ser um assunto resolvido e encerrado. Ao contrário, há muita discussão, pois os gêneros são ligados diretamente à vida social e estão intrinsecamente inseridos na cultura de um povo. São produtos das ações sócio-históricas que surgem com a finalidade de colaborar com as interações sociodiscursivas, pois são produtos da sociedade.

As expressões gênero textual e gênero do discurso, segundo Dias (2011, p.143) vem sendo muitas vezes utilizadas de forma sinônima e outras vezes antagônica. Ambas as nomenclaturas possuem uma base comum, que são os estudos do gênero de Mikhail Bakhtin, ou seja, surgiram de mesma base teórica. Rojo (2005, *apud* Dias, 2011, p.151) diz que estudos indicam que independente dos pressupostos teóricos utilizados para os estudos dos gêneros, todos se afinam em torno de estudos bakhtinianos e que essas diferenças existem pelo fato de que há diferentes interpretações bakhtinianas.

A expressão “gênero do discurso” surge nos estudos de Mikhail Bakhtin que, em sua obra *Estética da Criação Verbal*, descreve os primeiros estudos sobre gênero do discurso. Bakhtin (1997, p. 280) conceitua gênero discursivo como um enunciado relativamente estável. E esse enunciado é a base do gênero, pois agrega elementos fundamentais para a formação do mesmo.

Assim, em sua obra Bakhtin (1997, p. 280) descreve:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Já Bronkart (2013) *apud* Ferreira e Vieira, 2013, p.42) define, “[...] os textos são produtos da atividade humana. Logo, encontram-se articulados aos interesses, às necessidades e às condições de funcionamento das formações sociais no anseio das quais são produzidas”.

Ferreira e Vieira (2013, p.43) argumentam que:

Bronckart dialoga com Bakhtin e o adota em seu quadro teórico, reconhecendo o destaque dado por Bakhtin à relação de interdependência entre o domínio das produções de linguagem e o domínio das ações humanas. Entretanto, considera que a terminologia “gêneros discursivos”, empregada por Bakhtin, é flutuante (no conjunto das obras), devido à própria evolução da obra e às traduções.

Podemos perceber que Bronckart toma o texto como objeto de análise e não o discurso e define texto como “unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente” (BRONKART, 2003, *apud* FERREIRA E VIEIRA, 2013, p.43).

Assim, podemos perceber que existe uma dicotomia teórica entre o estudo de Bronckart (2003) e o de Bakhtin (1997). Por um lado a vertente interacionista sociodiscursivas baseado nos estudos do texto e por outro a vertente teórica do enfoque discursivo sócio-histórico e dialógico baseado no discurso.

Já em Marcuschi (2003) é perceptível que o autor não se preocupa em distinguir ou mesmo seguir uma linha metodológica distinta. Em seus trabalhos, ora observamos a expressão gêneros do discurso, ora gênero textual, isso pode ser explicado pelo fato de que ambas as expressões são oriundas de uma mesma teoria, como já destacado neste trabalho. Entretanto, devemos ressaltar que o autor costuma separar o que é texto e o que é discurso, vejamos:

[...] deve-se ter cuidado de não confundir texto e discurso, como se fossem a mesma coisa. Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instancia discursiva. Assim os discursos se realizam nos textos. (MARCUSCHI,2003,p.25)

Portanto, Marcuschi (2003) entende que existe uma diferenciação entre os termos, mas não se debruça em diferenciá-los e por isto é que tomamos seu conceito de gênero textual como base principal para nosso trabalho.

Em seus estudos Marcuschi (2003, p.19) salienta que “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.”. Podemos perceber que apesar de os gêneros serem ferramentas sociodiscursivas de interação social incontornáveis, não significa dizer que são extremamente rígidas e inflexíveis, ao contrário, são extremamente maleáveis e dinâmicas, o que definirá sua mudança ou não é a necessidade sociocultural ao qual certo gênero está inserido.

Os gêneros, pois, surgem de acordo com as necessidades socioculturais comunicativas, ou seja, nas modalidades verbal e não-verbal, o que vai definir o surgimento ou seu desaparecimento será sua utilidade no contexto sociocultural. Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p.161) afirmam que “sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, compreendendo desde o diálogo cotidiano até a tese científica”. Desta forma, podemos observar claramente que os gêneros não se limitam a apenas a linguagem oral e escrita, mas também a linguagem não verbal, como é o caso dos gêneros charge, histórias em quadrinhos, caricaturas, os gêneros placa de trânsito, o cartum, as tiras e tantos outros.

Os gêneros textuais são criações sociodiscursivas com o objetivo bem definido: a comunicação quer seja na oralidade ou na escrita, não possuindo um modelo pronto e estático, mas dinâmico e plástico. Marcuschi (2003, p.22) ressalta que podemos definir mais simplificadamente o gênero textual como: “(...) uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características siciocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.”.

De fato, os gêneros textuais são produtos das relações humanas, integram, nascem, morrem, transformam-se, ou sofrem até mesmo adaptações em função do uso social, caracterizando-se mais pela função comunicativa, cognitiva e institucional do que pelas funções linguísticas e estruturais.

2.5 - O que é Conto?

O conto surgiu a partir de narrativas dos povos primitivos que se reuniam durante as noites a fim de matarem o tempo. Estas narrativas retratavam simples histórias de bichos, lendas populares, mitos arcaicos e etc., funcionando como uma forma de transmitir ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo, sendo transmitidos por gerações, passando sempre de pais para filhos.

Com o surgimento da escrita, começou a serem escritos os primeiros contos, e assemelhando-se ao modelo como estas histórias eram contadas, a estrutura emprega a presença de um grupo de pessoas, espectadores ou mesmo daquele que conta a história, como é o exemplo da obra *Decameron* de Giovanni Boccaccio, que apresenta dez personagens que estando fugindo da Peste Negra se refugiam num castelo, e lá ao se

verem entediados por não terem atividades a fazer, passam dez dias contando histórias que retratavam sobre comportamentos humanos, sentimentos e desejos carnisais. Esta obra acaba por revelar que o proibido e o pecaminoso, tão criticados e apontados pelas autoridades, eram realizados diariamente por pessoas das mais variadas classes sociais, desde a população majoritária à nobreza e ao clero.

Aqui também poderíamos citar os contos canônicos da Bíblia, que narram diversas histórias apresentando o sentimento de estilo de ética e moral, desde o Velho Testamento contando com histórias como as dos irmãos Caim e Abel, Sansão, José e seus irmãos, entre outras, e no Novo Testamento onde é narrado várias parábolas como o Bom Samaritano, o Filho Pródigo, o Semeador, etc.

Com o surgimento do Romantismo, o conto foi adquirindo a forma artística e literária, saindo do coletivo para a linguagem do estilo de cada escritor, podendo para tanto se aprofundar até mesmo no interior dos personagens como é o caso do estilo do escritor Anton Tchekhov, autor de A Gaivota.

Possuindo apenas um único drama, um só conflito, ação ou história, o conto geralmente não muda o espaço-tempo em que ocorrem os fatos. Resumidamente cabe em uma única ação, um único lugar, um único tempo e um único tom, possuindo apenas uma Célula Dramática.

Embora uma característica bem legítima e diferenciada do gênero romance ou novela, o conto divide-se em tipos específicos que são: a fábula que protagoniza geralmente com animais pretendendo apresentar uma moral de forma implícita ou mesmo explícita, o apólogo que protagoniza com objetos também com a finalidade de apresentar uma moral de forma implícita ou explícita, e por ultimo a parábola protagonizada com pessoas, mas também com a perspectiva de apresentar uma moral seja de forma implícita ou explícita.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa de cunho descritivo/interpretativo, por compreender que este tipo de abordagem permite que o pesquisador estabeleça contato direto com seu objeto de estudo, facilitando assim a organização e compreensão dos dados obtidos. Segundo Godoy a pesquisa qualitativa tem o seguinte princípio:

Cujo objeto é a compreensão dos fatos e fenômenos, segundo a ótica dos participantes do trabalho. Esta abordagem não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY 1995, pag. 21).

Dentro da proposta deste artigo, que visa mostrar a relação do teatro com o ensino de contos, com base na vivência de educandos que estiveram ligados ao “Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado por Estudantes”, iremos descrever e interpretar, à luz dos pressupostos teóricos acima referidos, as atividades desenvolvidas na oficina de teatro.

Buscamos realizar nosso trabalho com fidelidade aos princípios da metodologia abordada para corresponder ao nosso objetivo de apresentar uma alternativa para o ensino, tanto em atividades escolares, quanto extraescolares que possuam em sua ênfase a aprendizagem. Aqui citamos o conto, no entanto a abordagem utilizada pelo projeto pode ser trabalhada em outros temas.

Deste modo, acreditamos que estamos contribuindo para a aquisição dos valores que norteiam as ações da nossa sociedade, através da compreensão de que o ser humano em sua totalidade possui capacidade crítica para realizar as várias leituras de mundo e poder se modificar e se transformar, vivenciando o letramento. Essa ação transformadora é inerente à postura do pesquisador, que interage com o campo de pesquisa e busca caminhos de modificar a realidade social dos sujeitos pesquisador/pesquisados.

3.1 – PROJETO LEITURA NA ESCOLA: O conto contado por estudantes

O município de Bananeiras situado na microrregião do brejo paraibano, com cerca de 21.851 habitantes, segundo censo do IBGE- 2010, possui cerca de 33 escolas municipais oferecendo o ensino Fundamental I e Fundamental II, 3 escolas estaduais oferecendo os ensinos Fundamental I, Fundamental II e Médio, uma escola Técnica Federal o CAVN oferecendo o médio e o técnico em Agropecuária e Agroindústria, e uma escola de nível superior a UFPB.

De acordo com documentos históricos, o processo de alfabetização no município de Bananeiras-PB teve seu início com a escola das Irmãs Dorotéias em 1917, sendo esta referencial para a educação de meninas tanto na Paraíba quanto no Nordeste, e com o

Colégio Agrícola Vidal de Negreiro – CAVN em 1924, sendo também uma escola referencial para jovens de toda a Paraíba. A escola das Irmãs Dorotéias se dissipou a cerca de 40 anos restando apenas o prédio onde funciona atualmente uma escola municipal e quanto ao CAVN, apesar de ter fechado durante a II Guerra Mundial, reabriu por volta da metade da década de 50 e estando atuante e atraindo jovens de muitas cidades paraibanas.

O “Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado Por Estudantes” proposto por Thyago Braz Dantas, surgiu a partir da observação de que muitos dos jovens estão a cada dia se afastando dos livros, e mesmo aqueles que estão nas escolas, estão realizando leituras apenas com a finalidade de cumprir metas escolares, sem que possuam qualquer intimidade com ela de fato. Assim, o objetivo do projeto era realizar oficinas de leitura, buscando despertar no jovem estudante o hábito da leitura e melhorar a escrita, através de atividades dinâmicas e atrativas.

Além das atividades em sala de aula com as oficinas, seja de literatura, produção textual ou mesmo de teatro, o projeto também propôs um jornalzinho escolar, uma viagem cultural visitando assim museus e cidades históricas, a edição e publicação de um livro de contos, exposição cultural e premiação dos participantes que apresentaram melhores desempenhos na produção do conto e na apresentação das peças teatrais.

O projeto foi aprovado pelo *Mais Cultura* e realizado por estudantes dos cursos de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Pedagogia, com as escolas: E.M.E.F. “Emília de Oliveira Neves”; E.M.E.F. “João Paulo II”; E.M.E.F. “Miguel Filgueira Filho” e a E.E.E.F.M. “José Rocha Sobrinho”. E para a realização deste projeto no município contou com os apoios da Secretaria de Educação Municipal e com a AJAC – Associação de Jovens da Arte e Cultura, que forneceu, além de suporte na produção do projeto, material humano para que as aulas de teatro fossem realizadas, contribuindo também com figurinos, e adereços.

A AJAC é uma entidade sem fins lucrativos que desenvolve trabalhos sociais com crianças, adolescentes e jovens de todas as idades. Esta associação está vigente documentalmente desde 2007 e vem trabalhando com as áreas de conscientização ambiental, esporte, arte e cultura, tendo ao longo dos anos servido de apoio no desenvolvimento sociocultural e educacional no município de Bananeiras.

Embora esta entidade não esteja ligada à administração pública municipal, sendo, portanto, uma iniciativa criada por ex-alunos do CAVN –Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, não possui recursos financeiros, sobrevive da formação de espetáculos

teatrais, bem como de pequenas apresentações artísticas e das oficinas que eventualmente realizam, tanto na área artístico-cultural, quanto na área de produção e elaboração de projetos sociais.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONTO

O Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado Por Estudantes deu início às suas atividades com os educandos em abril de 2010. Foi realizado uma reunião com as escolas que percebendo a importância/necessidade de uma ação semelhante se dispuseram a abrir um espaço para a realização do Projeto, aberto o período de inscrições e então as aulas começaram em horário oposto ao horário escolar dos educandos.

As aulas eram divididas em dois horários, contendo 2 horas cada aula. Aconteciam as aulas de produção textual, literatura e gramática e em seguida as aulas de teatro. O projeto funcionava um dia em cada uma das quatro escolas, assim era possível que os oficinairos se deslocassem para ajudarem uns aos outros durante todo o projeto.

No início, foram enunciados os autores nordestinos e autores paraibanos, a história da escrita, os tipos de leitura, os gêneros textuais, exemplificando com mais frequência (romances, contos, novelas, peças de teatro, crônicas, cordéis, etc), os elementos da narrativa e as escolas literárias. Durante estas aulas havia os momentos de exposição e de criações de pequenos textos criados pelos alunos e que eram debatidos no final de cada aula de acordo com o consentimento de cada um.

Ao passo que os professores de língua iam transmitindo estes conhecimentos, o teatro tinha a função de fortalecer as informações através da exemplificação encenada pelo oficinairo de teatro, ou mesmo trabalhando com os educandos as teorias através de atividades interpretativas que eram construídas em conjunto.

Como o foco principal era inserir o educando no mundo da leitura e escrita, e contribuir para que os mesmos produzissem os seus próprios contos para o livro que seria o resultado final do projeto, as oficinas de teatro geralmente além de abordarem o reforço enunciativo das aulas de língua, realizar a preparação física e mental dos educandos para as apresentações que ocorreriam no final do projeto, ainda durante estas oficinas, eram enfatizadas os elementos da narrativa através de jogos dramáticos.

Apresentar para o educando estes elementos nem sempre era tarefa fácil, porque se o trabalho de busca pelos conhecimentos do professor de português para uma aula

expositiva pode ser cansativo, mostrar com o corpo, que é o principal instrumento de trabalho do ator, estas definições, era um trabalho extremamente de dedicação física e mental, mas, os resultados foram significativos para as futuras criações dos contos.

A dinâmica das oficinas acontecia, geralmente, desta forma: um ator entra em sala transfigurado, e inicia um monólogo. Durante o monólogo, este ator conta um incidente trágico em sua vida, fala de uma época em que morava com os pais quando criança, e isto com riqueza de detalhes, falando sobre a casa, o cheiro da chuva e da lenha que queimava para feitura do almoço, o barulho das galinhas no terreiro e a sensação de brincar de guerra com os irmãos no meio das matas...

Depois a tonalidade da voz muda como que a lembrar dos fatos que lhe roubaram a tranquilidade de seu espírito em dado momento, e começa a falar da noite, de dois homens amigos da família, de gritos e da ansiedade criada no coração dos que assistiam a uma trágica trama. Fala do ato de heroísmo de sua mãe e a tentativa inútil de salvar uma vida... Fala do fim, com policiais em volta, um corpo estirado no chão e um homem fugitivo nas matas.

A partir do exemplo, vinham-se as discussões sobre a narrativa, no qual eram relatadas: o espaço, o tempo, os personagens, o narrador e o enredo. Que podemos aqui avaliar da seguinte forma:

- O espaço: observando no contexto que havia matas, animais domésticos, lenha utilizada para a feitura das refeições, entende-se que trata-se de uma **fazenda, ou sítio**.
- Tempo: Por tratar-se de acontecimentos passados e sentimentos que o narrador sentiu enquanto criança, entende-se que o tempo é **psicológico**.
- Personagens: o **protagonista é o próprio que narra a história**, e o **antagonista é o assassino, aquele que provocou o momento de aflição**.
- Narrador: o enredo se passa em volta de acontecimentos vividos e presenciados pelo narrador e por este fato, entende-se que se trata de um **narrador-personagem**.
- Enredo: é o conjunto dos fatos narrados, que como tal se desenrola da seguinte maneira:
 - Exposição: expondo como eram o ambiente e a vida do protagonista.
 - Complicação: quando surgem dois homens brigando.
 - Clímax: quando a mãe se intervém no conflito

-Desfecho: a morte de um dos indivíduos, a fuga do assassino e o ambiente com policiais.

O exemplo acima demonstra como aconteciam alguns dos processos desenvolvidos nas aulas/oficina de teatro durante o Projeto Leitura na Escola: o Conto Contado Por Estudantes.

Outras atividades voltavam-se para a meditação, relaxamento físico e mental com a identificação de si, do outro e do ambiente em que estavam, bem como a exploração de objetos. Durante estes momentos, os educandos eram expostos a uma série de sons e comandos conjuntos ou aleatórios, onde os mesmos eram incitados a criarem estórias ora mentalizando ora expondo oralmente de acordo com o desejo de cada educando. Eram exploradas suas emoções e suas habilidades linguísticas relacionadas ao que já haviam vivenciado em sala, sendo, portanto, também um momento de reflexão e fortalecimento do aprendizado.

No início do projeto nos deparamos com alguns alunos, com interesses distintos, que variavam muito com relação ao estarem inscritos no projeto. Uns estavam no projeto porque queriam ampliar os seus conhecimentos, outros porque não queriam ficar em casa, outros por entenderem que seria um momento de estarem com os amigos. Ou seja, o foco da maioria dos participantes não era a aprendizagem, contudo, ao longo do projeto, o que era apenas distração tornou-se algo a mais; pouco a pouco as aulas iam aproximando mais estes educandos do intuito do projeto que era leva-los ao universo da leitura, instruindo-os para o letramento.

Segundo professores destas escolas onde foram desenvolvidos o projeto, educandos muito trabalhosos, e de notas baixas nas aulas de língua portuguesa em especial, estavam agora mais ativos no processo de aprendizagem durante as aulas regulares destas instituições e estavam adquirindo melhores resultados na leitura e na produção textual.

O fato de um aluno não realizar leituras dinâmicas em sala, nem sempre está relacionado à rebeldia, mas podemos identificar educandos que não se envolviam nas leituras em sala porque não conseguiam ler conforme o modelo que se exige para as séries aqui apontadas e por isso se sentiam intimidados. A prática constante incentivada à leitura, criou o hábito, gerando o prazer de ler.

O incentivo do projeto não partira apenas do dizer faça isso ou aquilo, mas tanto nas aulas de língua quanto nas aulas de teatro, falar um pouco sobre um determinado livro, despertava a curiosidade em conhecer todo o conteúdo daquele livro, e por isso as

escolas também no cederam muitos livros de literatura, para que durante os processos do projeto que durou cerca de 4 meses, os educandos fossem realizando leituras avulsas de livros de autores nordestinos, vivificando a valorização pelo regional, pelo o que é propriamente dito como nosso.

O processo de construção dos contos foi efetivado a partir do quanto o alunado sabia, aproveitando o conhecimento de mundo. Após 3 meses de oficinas, sendo realizado uma avaliação envolvendoicineiros e professores de língua portuguesa com relação às mudanças ocorridas nestes alunos, foi observado o desenvolvimento dos participantes do projeto, e, portanto, entendeu-se que era o momento de construírem os seus próprios trabalhos, construindo os contos para o livro que seria publicado.

Entre os contos produzidos iremos destacar os três primeiros colocados na premiação dos melhores contos após finalizado o projeto, que foram dos educandos: Josefa Luciana da Silva (Conto de Guerra), João Pedro Andrade da Silva (O Caçador de Vampiros) e Fellipe Freire Santos de Farias (O Anel).

1º Conto, páginas 64 a 68 do livro Coletânea de Contos, Projeto leitura na Escola: O conto Contado Por Estudantes:

Conto de Guerra

Josefa Luciana da Silva

“A estória se passa na metade do século XX e que conta parte da vida de Elisa. Uma camponesa que morava no interior de Stalingrado com sua família e outros camponeses. Elisa se envolveu com um dos camponeses e engravidou, assim que soube seu pai a expulsou de casa pela vida tradicional que eles tinham. Ao saber, sua mãe não permitiu que sua filha ficasse sem lar, então procurou uma camponesa que morava próximo a sua casa e pediu que ela a acolhesse.

Passados os nove meses, Elisa decidiu ir a Mamai no centro de Stalingrado a procura de um emprego ou algo melhor deixando seu filho para trás. Chegando lá, ela se deparou com outra realidade, a realidade russa de 1940 e não havendo emprego encontrou uma vaga no cabaré próximo de onde morava, como dançarina de Cancan e neste ambiente ela conheceu um homem chamado Stalin, um soldado do exército que frequentava o cabaré nos finais de semana. Após conhece-la apaixonou-se de imediato e ela o correspondeu, pois era mutuo o sentimento de ambos. Pouco depois, Stalin propôs casamento a Elisa e foram morar juntos, em 1941. Elisa, por sua vez, nunca contara que tinha um filho e viveram por um ano com este segredo. Elisa sempre ajudava o filho da maneira que podia, mas nunca contara com medo de perder seu amor.

Porém, em 1942, a Alemanha declara guerra a Stalingrado e o soldado Stalin foi recrutado para trabalhar na defensiva da cidade sendo enviado as margens do Rio Volga. Em sua despedida, Stalin diz a sua amada:

-Elisa, não sei quando voltarei, mas te espero na outra margem do rio, onde muitos estarão refugiados inclusive as empresas se deslocarão para lá e quando tudo acabar eu te encontrarei. Agora vá.

Elisa diz:

-Stalin, nunca houve ninguém que eu amasse assim e te esperarei sempre e pra sempre.

E trocaram beijos apaixonados.

Passaram-se cinco meses e durante este tempo de combate Stalingrado passou de mãos 20 vezes. Diante de toda movimentação dos alemães, Stalingrado estava em pé de guerra. E Elisa muito temia por Stalin. Pouco depois, o interior da cidade foi invadido expulsando assim os camponeses que saíram da retirada com os sobreviventes para as margens do rio em que Elisa se encontrava, quando soube, Elisa não poupou esforços para o seu filho encontrar e o encontrou próximo dali com uma refugiada camponesa que também a procurava. Elisa perguntou dos outros camponeses e de sua família, porém nada a senhora sabia, ali estava por um milagre e por um milagre conseguiu dar-lhe o filho.

E em meio ao combate, debruçou a face no pó, na pólvora e em um solido desespero chorou. E pensou:

“O que fazer com o filho no colo, com sua família e seu amor perdido? Sinto fome! Não sei o que fazer contra o frio, fome, a noite e a morte, tenho medo de tudo”.

E dali retirou-se rapidamente com a criança, foram buscar refúgio e ali mesmo passaram a noite por debaixo de escombros de uma antiga igreja.

Durante a noite, Elisa decidiu encontrar Stalin, seu grande amor.

E foi.

Deparando-se com maiores dificuldades, ainda mais agora que carrega uma criança consigo, ela atravessou o Rio Volga, após sua travessia arriscada encontrou vários soldados mortos, mas nele existia a certeza que o homem a quem tanto ama viva. E estando molhada, pelas águas impuras do rio, tirou uma jaqueta de um soldado morto, colocou ao inverso e vestiu, tirou as vestes do seu filho e amparou por baixo da jaqueta. A poucos metros dali, estava Stalin sentado numa banca com cigarro por entre os dedos trocando palavras com outros soldados.

Elisa vendo ao longe, mal acreditava que era sim o seu amado, os seus olhos lacrimejavam de felicidade e correu ao encontro esquecendo-se de tudo. E ouvindo uma explosão, ali caiu gritando:

-STALIN!

Um dos soldados, dirigiu-se a Stalin dizendo:

-Stalin, atirei contra um soldado alemão camuflado, e ele gritou o seu nome, ele te conhece? – com lábios de ironia, sorriu.

-Como sabe que era um soldado alemão?

-Ele estava com o fardamento ao contrário.

E foram vê-lo, ao virar o corpo, duas grandes surpresas, o seu grande amor morta e uma criança. Stalin diz:

-Você matou minha esposa e meu filho, seu desgraçado! Você MATOU!

E com gestos agressivos, virou-se contra o soldado

-Você tem que morrer!

Por sua vez, o soldado não se esforçou muito para entendê-lo e atirou contra sua cabeça.

Ali estava, morrendo sobre sua amada”.

2º Conto páginas 30 a 33 do livro Coletânea de Contos, Projeto leitura na Escola: O conto Contado Por Estudantes:

O Caçador de Vampiros

João Pedro Andrade da Silva

“Marcos era um garoto comum. Em seu badalado dia de sábado, seus amigos, Cauã, Renan e Bernardo, também o acompanhavam em uma viagem para a cidade de Sapé, onde uma amiga, Lara, iria fazer uma festa para comemorar seus 18 anos. Ele só conhecia essa garota pela internet, mas seus lindos olhos azuis e a impecável pele branca não lhe deixavam dúvidas.

Durante toda a viagem, os garotos só falavam em quem iria ficar com Lara. No meio de tanta conversa, um senhor entregou um livro de couro, com símbolos estranhos e com o título “Eu”, assinado por Augusto dos Anjos, no qual havia uma marca que parecia um anjo com uma espada. Apesar do homem ter feito mistério quanto ao objetivo, ninguém deu importância, exceto o próprio Marcos que, durante todo o percurso, foi lendo e se deslumbrando com as palavras daquele livro. Ao chegar, os quatro se hospedaram em um hotel e foram passear pelos pontos turísticos da cidade, já que a festa seria somente à noite.

Apesar da cidade ser linda, não encontravam nenhuma pessoa, até que se depararam com o mesmo homem que lhes deu o livro. Ele estava muito atordoado e, olhando para Marcos, disse:

-É você quem vai ter que agir. Se prepare para hoje à noite, pois o mal vai correr solto nessa lua cheia.

Os quatro garotos se assustaram com a loucura do homem e saíram correndo. Já eram cinco e quinze, e a festa começaria à nove. Os garotos esqueceram tudo e foram se arrumar,

menos Marcos, pensando no que o senhor lhe dissera. Os três tentaram convencê-lo a ir com eles, mas, sem sucesso, foram logo para a festa.

Já era meia noite e meia. Marcos começou a ficar preocupado, ligava para eles, porém dava fora de sinal, até que a campainha tocou, e quando ele atendeu, o homem do livro entrou dizendo que seus amigos estavam mortos. Marcos riu, mas o homem lhe chamou para tirar a prova. Eles foram até o cemitério e, lá, seres assustadores comiam a carne dos três amigos.

Marcos se assustou e saiu correndo para o hotel. O senhor lhe disse que aqueles seres eram vampiros e que Marcos fora ao escolhido para combater esse terrível mal. O livro que o homem lhe dera continha enigmas para a destruição dos vampiros, como no trecho “...a boca que te beija é a mesma que te escarra”. Isso, na realidade, é uma apologia ao beijo que o escolhido para caçador dá no vampiro, que morre em seguida. Além do beijo, devia-se também cravar algo pontiagudo no coração do mesmo, pois esse é o único órgão funcional dos vampiros, o resto eles conseguem comendo humanos.

Seguindo as recomendações do senhor e do livro, Marcos logo matou seu primeiro vampiro. Os anos seguintes foram dedicados a encontrar a vampira, na qual seria aplicada a vingança. Nesta busca, Marcos ainda descobriu que o homem que lhe treinou foi o próprio Augusto dos Anjos, que era o caçador responsável para matar os vampiros de Sapé, no entanto, Lara e o irmão restaram e o assassinaram. Augusto do Anjos deixou ainda em seu livro os segredos dos caçadores, para que nada interferisse na luta contra o mal.

Marcos viajou por toda parte, até que, finalmente encontrou e matou Lara e seu irmão. Ele se tomou conhecedor dos segredos da poesia pessimista de Augusto do Anjos e passou a treinar mais gente como caçadores de vampiros, sendo que, até hoje, o segredo continua escondido nos livros do Augusto, “Eu”.

3º Conto páginas 18 a 20 do livro Coletânea de Contos, Projeto leitura na Escola: O conto Contado Por Estudantes:

O Anel

Fellipe Freire Santos de Farias

“Era uma vez três amigos: Sam, Liz e Maria. A Liz amava muito o Sam, mas não sabia como falar para ele. Certo dia, andando pelas ruas, eles encontraram uma cigana, e Liz foi falar com ela a sós para perguntar como podia fazer o Sam convidá-la para o baile de formatura.

A cigana lhe deu um anel, com o qual poderia realizar três desejos, mas com uma advertência: o último desejo de todos os que possuíram esse anel foi a morte. Liz aceitou, pensando que não seria tão boba de pedir a morte para si mesma. Então eles foram para a casa de Liz. Quando chegaram lá, a primeira coisa que Liz fez foi fazer seu primeiro pedido. Ela

segurou o anel com toda força e pediu: - Eu quero que a pessoa que eu mais amo me chame para ir ao baile.

Quando terminou de fazer o seu pedido, Sam se lembrou de uma coisa muito importante em casa e não podia mais ficar com elas.

Liz e Maria foram dormir pensando que aquele anel velho não servia para nada. Acordaram no dia seguinte, bem cedo, com o telefone tocando. Era a mãe de Maria. Elas atenderam e colocaram no viva-voz, mas perceberam que a mãe de Maria estava com a voz muito triste, porque tinha que dar uma notícia muito ruim – o Sam havia morrido. Elas se olharam sem acreditar na notícia. Quando Maria se recompôs, perguntou como aquilo tinha acontecido. A mãe falou que ele estava pichando um muro alto e caiu. Então, seu corpo ficou irreconhecível. Liz ficou pensando que ele tinha nada, ele não era assim, criou coragem e perguntou:

- O que ele estava pichando?

Uma mensagem, disse ela

-Que mensagem?

-“Quer ir ao baile comigo, Liz?”

Maria olhou para Liz, mas não havia nada para ser dito.

Os dias foram passando. Toda a escola ficou sabendo o que havia acontecido. Quiseram acabar com a formatura, mas Liz não deixou, pois, a vida continua. Chegou o dia da formatura, e ela não foi convidada por mais ninguém. Mas se lembrou de que ainda tinha o anel, com o qual poderia ir à formatura. Ela o segurou com força e pediu:

-Eu quero que o Sam me leve pra formatura.

E ficou esperando, pensando nas palavras da mãe de Maria, “que o corpo dele ficou irreconhecível” e já fazia duas semanas que ele havia morrido. Foi aí que ouviu um barulho de pedrinhas se movimentando. Havia algo se arrastando lá fora! Duas palavras vieram a sua cabeça: “deformado”, “apodrecendo”. Então sussurrou:

-É você, Sam?

-Sim, eu não tô muito arrumado, mas estou aqui, isso importa. Posso entrar?

Ele mexeu na maçaneta.

-Não sei se ainda quero ir ao baile.

-Posso entrar? Se eu ficar aqui fora mais um pouco acho que vou desmontar. Você ainda não está pronta?

Ela ouviu um barulho de vaso se planta. Era ali que deixavam a chave da casa. Ficou esperando. A chave estava rodando na maçaneta da porta. Ela pegou o anel, respirou fundo, fez seu último pedido: a morte”.

Ao lermos estes exemplos de contos, é notório o resultado das oficinas na vida destes novos escritores e nos demais 33 educandos que conseguiram produzir seus textos. Como sabemos, as práticas de letramento podem ocorrer em diversos contextos. De um modo geral, elas ocorrem de modo colaborativo, coletivo, na escola, mas aqui nesse projeto observamos um evento de letramento na oficina de teatro.

Neste sentido, Kleiman (2005) fala sobre o que seria um evento de letramento:

Ocasão em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e livros envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de usos da escrita na instituição em que acontece. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição (KLEIMAN, 2005, p.23)

Observando tal conceito, podemos perceber que os contos foram abordados pela fala, ou seja, ocorreu a interação nesse evento da oficina de teatro. Podemos dizer, então, como menciona Kleiman (2005), que com relação à existência ou não da interação, é possível classificar práticas de letramento em; coletiva ou individual. Na coletiva, como na nossa pesquisa, ocorreu a interação entre os sujeitos que usaram a escrita na confecção do conto.

Nesta pesquisa, portanto, buscamos proporcionar práticas de letramento coletivas, colaborativas, visando promover a interação entre osicineiros e alunos. Assim, um aluno contribuiu com o outro para que se desse a compreensão/interpretação e produção do gênero conto.

5. CONCLUSÃO

A leitura é de suma importância na vida do indivíduo porque permeia o processo de desenvolvimento do senso crítico, na formação de opinião, potencializando as capacidades intelectuais, uma vez que atua sobre a formação de capacidades cognitivas, sociais, culturais e discursivas do indivíduo. Portanto, ler é obter conhecimento. Dominar o hábito da leitura é ter acesso às informações que estão ao nosso redor constantemente, sem as quais se torna difícil a interpretação e a compreensão de determinados textos.

É importante ressaltar que nosso objetivo geral foi alcançado quando mostramos a importância do teatro para a confecção do gênero conto. Tomamos por base de

pesquisa o “Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado por Estudantes” desenvolvido no município de Bananeiras/PB envolvendo alunos da rede pública de ensino municipal e estadual.

O teatro, dentro do projeto, foi utilizado como ativador de múltiplas inteligências, para o fortalecimento dos vínculos entre os gêneros textuais, escritores, o detalhamento de formas de leitura tanto dos textos escritos distinguindo os elementos da narrativa, quanto na leitura de mundo e na leitura pessoal de cada educando. Ou seja, proporcionamos práticas de letramento coletivas, colaborativas para a produção do gênero conto.

Em resumo podemos concluir que os resultados do projeto foram satisfatórios, uma vez que tivemos a produção de 37 contos, 3 jovens premiados por seus contos e conseguimos dinamizar a leitura em todas as escolas envolvidas e valorizar a cultura regional.

SUMMARY

This article constitutes a focused search for teaching tales with the intervention of the theater, and here we'll talk a little about the processes in Reading at School project: The Counted Tale For Students, addressing issues that are essential at the time of writing a text any specifically literary, and explain a little about what actually is reading and literacy, and the importance of the theater to the cognitive development of multiple human intelligences. Also the stories will be exhibited that were awarded at the end of the project, we will quote the shows developed by the students, the newsletter and we'll talk about the project's focus was to show that northeastern authors as a way to enhance our culture, again enhancing the regional.

KEYWORDS: theater, social, story, literacy.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DANTAS, Thyago Bráz. Coletânea de Contos, Projeto Leitura na Escola: O Conto Contado Por Estudantes. Editora Sal da Terra, 2010.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Gêneros textuais [recurso eletrônico]:** o que há

DIAS, E. et al. **Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?** Interações, v. 7, n. 19, p. 142-145, 24 maio 2011. ISSN 1646-2335. Disponível em:<. Acesso em: 24 maio 2016.

DELL'ISOLA, Por trás do espelho?/ organizadora: Regina Lúcia PéretDell'isola. – Belo Horizonte FALE/UFMG, 1991.

FOUCAMBERT, Jean. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GERALDI, João Vanderley (org). **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35,n. 2, p. 57-63, 1995

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor:** Aspectos cognitivos da leitura. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 3.ed. Campinas – SP: Pontes, 2008.

KOCH, I. V.; ELIAS, M. V. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense. 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.